

Educadores condenam a redução da carga horária

Para a professora Zaia Brandão, do Departamento de Educação da PUC e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), não é possível haver escolaridade com uma hora e 45 minutos de aula, como está ocorrendo na Escola Rui Barbosa, em Duque de Caxias.

A educadora ressalta, no entanto, que se trata de uma questão relativa. Quatro horas diárias de aula podem também não ser suficientes, dependendo da qualidade do ensino.

— Em termos internacionais, nós já temos uma carga horária muito baixa. No Brasil, a maioria das crianças vem das camadas populares ou das camadas médias empobrecidas, com baixo capital cultural. Dentro desse quadro, em que as escolas públicas atendem aos segmentos

mais pobres, a idéia da diminuição da carga horária é impensável. Mas a carga horária é um indicador entre muitos. Você pode ter uma carga horária altíssima, mas sem qualidade — afirma Zaia Brandão.

O diretor do Colégio Andrews, Edgar Flexa Ribeiro, acha que, quanto maior a carga horária, melhor. O ideal num país pobre, segundo ele, seria um período de oito horas diárias e diurnas. As escolas, acrescentou, ministram cursos com conteúdos de graus de dificuldade diversos.

— É uma pena que o poder público reduza a carga horária. É uma pena mais essa capitulação. Fazer uma boa escola é mais barato do que fazer Cieps ou Ciacs — critica Edgar Flexa Ribeiro.